

CRIATIVIDADE: HISTÓRICO, DEFINIÇÕES E AVALIAÇÃO
CREATIVITY: HISTORY, DEFINITIONS AND ASSESSMENT

Marta Luísa da Cruz Alves¹, Paulo Francisco de Castro²

RESUMO: O objetivo do presente artigo é discutir o conceito de criatividade, no que se refere a seu desenvolvimento histórico, suas definições e as estratégias utilizadas para sua avaliação. Apresenta-se um panorama das teorias já desenvolvidas sobre criatividade desde as iniciais até as contemporâneas que a definem como um aspecto intrínseco do ser humano, mas que sofre influência de um conjunto de fatores referentes às características do indivíduo, além das variáveis sociais, culturais e históricas do ambiente onde está inserido. Por fim, apresenta-se uma reflexão sobre a avaliação da criatividade, principalmente com foco nos recursos psicométricos para sua investigação. Observa-se a importância desse construto psicológico na compreensão integral dos indivíduos, que deve ser considerado nos mais diferentes contextos de avaliação psicológica.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade. Psicologia. Avaliação Psicológica.

ABSTRACT: This article aimed to discuss the concept of creativity regarding its historical development, definitions and strategies used in its assessment. An overview of theories already developed about creativity is presented from the first theories to contemporary theories that define creativity as an intrinsic human aspect that is, however, subject to the influence of a number of factors related to individual characteristics as well as to social, cultural and historical variables. Finally, it provides a reflection on creativity assessment, mainly focused on the psychometrics used in its investigation. The importance of this psychological construct to the broader understanding of individuals can be evidenced and should be taken into account in the various contexts of psychological assessment.

KEYWORDS: Creativity. Psychology. Psychological Assessment.

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Guarulhos

² Orientador, Psicólogo, Professor Doutor do Curso de Psicologia na Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté.

DEFINIÇÃO DE CRIATIVIDADE

Antecedentes históricos

Para Piaget (1972/2001) a discussão sobre a criatividade envolve dois problemas: o de suas origens ou causas e o de seu processo, como ela acontece. E para o autor o primeiro problema é um mistério, visto que alguns indivíduos são visivelmente mais criativos que outros e isso não é uma questão apenas de genialidade, pois acredita que ela está presente em todos os indivíduos.

A partir da reflexão sobre a origem de suas próprias ideias, Piaget (1972/2001) destaca três condições que considera necessárias para o desenvolvimento da criatividade: 1) suspeitar de influências externas; 2) ler grande quantidade de coisas em outras áreas para que se possa ter uma visão interdisciplinar; 3) ter um contraditor, relacionar ideias contrastantes com as suas. Com relação ao segundo aspecto, relacionado ao processo e aos mecanismos da criatividade, acredita que os estudos sobre a psicologia da inteligência podem contribuir muito sobre esta questão, pois conceituam a inteligência como uma construção do sujeito que adiciona novas dimensões aos objetos externos, isto é, nos termos das estruturas do sujeito é que o mundo externo é entendido. Neste sentido, propõe que todos os atos de criatividade intelectual fazem parte de um processo que denomina abstração reflexiva, momento de tomada de consciência da ação no qual há um movimento para um plano mais elevado, um reflexo do plano de ação para o plano de representação, assim, pode ocorrer um processo de reconstrução, enriquecimento, entendimento e transposição para níveis superiores de abstração.

Torrance (1976), disposto a incluir em sua conceituação os aspectos principais da maioria das definições propostas em sua época que envolviam,

em sua maioria, a produção de algo novo ou original, define criatividade e pensamento criativo como "o processo de perceber lacunas ou elementos faltantes perturbadores; formar ideias ou hipóteses a respeito deles; testar essas hipóteses; e comunicar os resultados, possivelmente modificando e retestando as hipóteses" (p. 34).

Cunha (1977) analisa a criatividade sob a ótica do desempenho individual, examinada em função de processos cognitivos. Destaca que as investigações científicas têm revelado estruturas altamente complexas do intelecto humano, por meio de operações mentais que os pesquisadores chamam de pensamento divergente. Discute a relação entre pensamento divergente e desempenho criativo, partindo da ideia de que a produção criativa implica em uma inovação na esfera subjetiva, na busca por dar forma ao universo de significados que o homem tem de si e do mundo.

A partir dos estudos de Guilford sobre pensamento divergente, relacionado a busca por todas as soluções possíveis diante de um problema, menos ligado ao conformismo, capaz de perceber novas formas, inovação, Cunha (1977) levanta a questão: pensamento divergente é o mesmo que criatividade? Considera que a categoria de habilidades que caracterizam a produção divergente como fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração contribuem mais diretamente para a criatividade, porém, outros fatores como necessidades, interesses e temperamento também devem ser considerados no desempenho criador. Destaca a existência de diferenças entre solução de problemas e produção criadora, na primeira é preciso que exista uma dificuldade que desencadeie o processo de solução de problemas, e a aceitação de uma solução, a segunda caracteriza-se mais pela descoberta, com ausência de evidências lógicas.

"Tão flexível e caprichoso fenômeno é a criatividade, que mal podemos defini-la" (KNELLER, 1978, p. 13). O autor, após apresentar algumas definições de criatividade com base em várias teorias resume que as definições de criatividade pertencem a quatro categorias: 1) do ponto de vista da pessoa que cria, em termos de sua fisiologia, temperamento, atitudes pessoais, hábitos e valores; 2) por meio dos processos mentais, como percepção, motivação, aprendizado, pensamento e comunicação mobilizados no ato de criar; 3) influências ambientais e culturais; e 4) em função de seus produtos. E é esta última que tem guiado tradicionalmente o estudo da criatividade, uma vez que os produtos, sendo públicos e prontos a se obter, são mais fáceis de serem avaliados que personalidades.

Kneller (1978) aponta que as pesquisas à época concentraram-se na criatividade como processo mental e emocional, abordagem que exige mais, por suas sutilezas, já que sua "substância" encontra-se no interior da pessoa criadora. Contudo, o elemento novidade deve ser incluído em toda definição de criatividade, uma vez que quando se descobre e expõe uma ideia, um objeto, um comportamento que seja novo para quem o cria, a novidade criadora emerge e isto acontece, em grande parte das vezes, do remanejo e/ou acréscimo de conhecimento já existente.

Nesta linha, Alencar (1995) relata sobre as muitas definições propostas para o termo criatividade e ao analisá-las constata que não há acordo quanto ao significado exato do termo, ou se seria uma habilidade distinta ou não da inteligência. Porém, na tentativa de uma resposta, discorre sobre várias definições de ideias preconcebidas, como: crença na criatividade como dom divino ou lampejos de inspiração; questão de tudo ou nada, ou se é criativo ou não; associação entre alta criatividade e loucura; criatividade como

dependente apenas de fatores intrapessoais, descartando as contribuições do meio no processo criativo.

No entanto, com o desenvolvimento de pesquisas, muitas dessas concepções foram substituídas, dando lugar à ideia de que todo ser humano apresentaria um certo grau de habilidades criativas e que podem ser desenvolvidas e aprimoradas a partir de prática e treino, desde que em condições ambientais favoráveis e domínio de técnicas adequadas. Discorre, assim, sobre vários enfoques, cada qual salientando aspectos distintos, como: relatividade da criatividade, seu produto como sendo mais ou menos criativo, dependendo do momento histórico e seu nível mais elevado de acordo com o grau de transformação que proporcione; emergência e relevância na elaboração de um novo produto ou ideia e as diferentes etapas do processo criativo; preparação do indivíduo com disciplina, dedicação, esforço consciente, trabalho prolongado e conhecimento como pré-requisitos para a produção criativa tanto na área científica como artística; e, além do conhecimento, contribuem para a produção criativa, traços da personalidade e características cognitivas do indivíduo (ALENCAR, 1995).

O processo criativo

O processo criativo possui, segundo Kneller (1978) cinco fases, as quais serão descritas a seguir, segundo sua visão:

- **Apreensão:** momento em que surge o *insight* - a apreensão de uma ideia ou de um problema a ser resolvido.
- **Preparação:** fase de ponderações e proposição de soluções, o criador lê, anota, discute, indaga, coleciona, investiga, explora e ainda que a apreensão dê direção e propósito a esta exploração, a visão original pode transformar-se completamente no processo exploratório.

- **Incubação:** o período de preparação, consciente, é seguido por atividade não consciente na qual as ideias são incubadas, por período longo ou curto; o inconsciente desembaraçado pelo intelecto faz conexões inesperadas que constituem a essência da criação.
- **Iluminação:** é o momento do clímax, de repente surge a solução do problema - o conceito que engloba todos os fatos, o pensamento que completa a cadeia de ideias até então trabalhadas, então tudo entra em seus lugares e faz sentido.
- **Verificação:** última fase, de revisão. A tarefa de verificação pode chegar a durar anos, quando o criador dá forma às suas intuições ou as aplica ao conteúdo de material que reuniu. No entanto, nesta fase podem ocorrer novas intuições, até mesmo de natureza diversa da anterior.

De forma semelhante, Alencar (1995) discorre sobre essas fases dando especial atenção às fases da preparação e da iluminação. Na primeira, destaca que o trabalho preparatório não se reduz a recolher dados relacionados diretamente ao projeto, mas a observar também a natureza do problema, assim como o envolvimento do "criador", que dependendo de seu grau, leva o investigador a despende uma quantidade enorme de tempo e esforço. Na segunda, observa que o envolvimento da pessoa, anteriormente destacado, é mais evidente nos momentos de pico de iluminação e de inspiração, que talvez seja o momento de mais fascinante no processo criativo.

Goleman, Kaufman e Ray (1992) acrescentam à etapa de preparação uma outra, que por ser muito incômoda, costuma ser desdenhada: a frustração. E esta surge quando a mente racional e analítica, na busca laboriosa de uma resposta, atinge o limite de sua capacidade. E embora a frustração seja comumente classificada como má, pessoas que preservam sua criatividade por longo período conseguem aceitar os episódios

de frustração como parte necessária do processo criativo total, assim, os autores a relacionam à escuridão que precede a luz criativa.

Entre as fases de incubação e iluminação destacam a importância do devaneio, momento em que a mente inconsciente não pensa em nada em particular, mas que é tão útil para o processo criativo, pois permite que novos padrões se revelem, momento que classificam como "entrar em contato com o espírito criativo" (GOLEMAN; KAUFMAN; RAY, 1992, p. 16).

Wechsler (1999) e Wechsler e Nakano (2002) conceituam a criatividade em uma abordagem ampla, na qual são necessárias várias formas de interação. Propõem que o ato criativo se realize na interseção de habilidades cognitivas, que vão definir o tipo de produção que o indivíduo é capaz de realizar; componentes afetivos nos quais determinadas características de personalidade facilitam o pensar e agir criativo, permitindo a aparecimento da expressão criativa, determinados pelo estilo de criar do indivíduo e facilitando o processo e o ato criativo, destacando a influência do meio em relação ao momento, à expressão e ao impacto do produto criativo. A interação destes três aspectos individuais de natureza cognitiva, emocional e social envolvem um processo contínuo de crescimento e busca, demonstrando a possibilidade de alcance de uma grande meta, a autorrealização.

Ostrower (2012) relaciona o processo criativo a processos ordenadores e configuradores. Quando se configura algo e o define surgem novas alternativas o que permite entender o processo criativo por um princípio dialético no qual ampliar e delimitar representam aspectos concomitantes, em oposição e tensa unificação. Ao processo de renovação constante do potencial criativo a autora acrescenta a noção de "tensão psíquica" (p.27) que se relaciona a própria natureza de intensidades

psíquicas da motivação humana, assim: "Criar, significa poder sempre recuperar a tensão, renová-la em níveis que sejam suficientes para garantir a vitalidade tanto da própria ação, como dos fenômenos configurados" (p.28).

Concepções contemporâneas

Atualmente, o estudo da criatividade apresenta uma variedade de material teórico e de pesquisa, que segue tradicionalmente a abordagem de quatro aspectos mais frequentemente estudados: do ponto de vista da pessoa criativa, do ponto de vista dos processos mentais envolvidos no acontecimento criador, do ponto de vista da influência ambiental e cultural na emergência do potencial criativo e do ponto de vista do produto criativo. Neste sentido, a situação atual do conhecimento da criatividade mostra a necessidade da construção de uma base teórica mais integradora sobre o fenômeno criativo, que permita um aproveitamento maior de toda a gama de informações existentes no assunto (SAKAMOTO, 2000).

A autora destaca alguns dos problemas elementares decorrentes de uma inadequada discriminação do significado e da utilização dos termos "criatividade", "fenômeno criativo" e "potencial criativo". Inúmeras vezes, estas designações surgem na literatura especializada, mescladas de certas confusões e/ou sobreposições, quanto a seu significado e respectivo uso. A criatividade, em primeira instância, é manifestação do "potencial" ou da "capacidade" criativa, já que ela é uma ação ou expressão humana e sendo uma "atividade", esta pontua a inadequação de uma referência costumeira encontrada na literatura que evidencia o "uso da criatividade".

Assim, "Criatividade é a expressão de um potencial humano e realização, que se manifesta

através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo" (SAKAMOTO, 2000, p. 52). E acrescenta a isto, que os seres humanos alcançam uma consciência sobre suas potencialidades por meio da atividade criativa, entendem a condição de sua liberdade pessoal e tornam-se gradativamente mais autônomos; o homem existe e evolui, expressa-se e modela parcelas de realidade no universo das possibilidades humanas por meio da criatividade.

Para Justo (2001) a contemporaneidade parece caracterizar-se pelo processo de mudanças incessantes, e, embora há tempos tenha-se descoberto que o mundo e o homem encontram-se em constante mutação, não é difícil tomar-se pela perplexidade diante da velocidade com que as mudanças ocorrem na atualidade. Assim, as transformações de maior visibilidade repercutem de maneira profunda no cotidiano dos sujeitos, trazendo como consequência modificações marcantes na afetividade, socialização e estratégias de sobrevivência, fazendo emergir novas subjetivações, e é justamente essa condição de enfrentar um mundo mutante e conviver com ele que recoloca hoje a importância do tema da criatividade.

Fluência, flexibilidade e originalidade são essenciais para compreender o mundo contemporâneo e agir nele. Criatividade, inventividade e produções com efeitos de novidade, antes privilégio de poucos, hoje recai sobre todos os sujeitos, ainda que suas produções não sejam reconhecidas publicamente ou se tornem sucessos. Por isso, assim como se estimulam outras competências humanas é necessário também estimular a criatividade em todas as esferas da vida: na família, na escola, no trabalho, no lazer, nos relacionamentos afetivos, no uso dos recursos tecnológicos etc. Neste ponto, o autor propõe o trabalho de um escritor e educador italiano

entendendo sua proposta como profundamente mergulhada nos desafios da atualidade (JUSTO, 2001).

Rodari (1982 apud JUSTO, 2001) concebe a criatividade como o encontro da inteligência com a fantasia que resulta na inteligência criativa, capaz de assegurar os meios para a transformação da sociedade e para libertar o sujeito de todos os meios de opressão e dominação. O autor propõe, por meio de alguns exercícios, o uso do acaso e do absurdo como caminhos para obtenção de criações originais e não convencionais, visando romper com estereótipos de pensamento e linguagem facilitando o uso da imaginação e do jogo lúdico com palavras e imagens. Inspirado na associação livre da psicanálise criou exercícios capazes de estimular o surgimento de fantasias, narrativas, imagens, pensamentos e afetos criativos.

Segundo Oliveira (2001) a psicanálise vem questionar a crença de que há diferença essencial entre o artista e o homem comum e ampliar a compreensão do processo criativo, pois é a partir da descoberta do funcionamento da mente e de sua natureza inconsciente que a psicanálise vai mostrar que a constituição psíquica abrange tanto o gérmen do sofrimento psíquico quanto o da criatividade, pois ambos são descobertos na complexa equação entre racional e irracional, entre tendências constitucionais e experiências vividas e não como fruto exclusivo de determinações genéticas, divinas, hereditárias ou constitucionais.

De acordo com as diferentes escolas psicanalíticas, cada qual sustentando uma teoria a respeito do funcionamento da mente, mas não discordando do essencial, a existência e importância do inconsciente, o processo criativo é compreendido e traduzido de maneiras diferentes. No entanto, é unânime o entendimento de que a criatividade, enquanto capacidade expressiva e

representacional e sobretudo como expressão da subjetividade, é imperativa na distinção do ser humano. Desta forma, tem sido definida como "a criação de uma nova realidade externa a partir de uma realidade interna (psíquica) e, em sentido amplo, como as reações de um organismo vivo para manter, transformar e aprimorar a qualidade da vida" (OLIVEIRA, 2001, p. 23).

Alencar e Fleith (2003) apresentam algumas contribuições teóricas que surgiram após os anos 70, englobando os componentes considerados necessários para a ocorrência da criatividade. Destacam a influência de fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento da criatividade, mais especificamente, o quanto a abordagem individual foi substituída por uma visão sistêmica do fenômeno da criatividade. Como resultado, enfatizam que vários estudos têm sido conduzidos com o objetivo de investigar variáveis do contexto sócio-histórico-cultural que interferem na produção criativa e favorecem a expressão do comportamento criativo. Nesse sentido, para Csikszentmihalyi (1996 apud ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 02), por exemplo, "é mais fácil desenvolver a criatividade das pessoas mudando as condições do ambiente, do que tentando fazê-las pensar de modo criativo". Assim, para compreender porque, quando e como novas ideias são produzidas, é necessário considerar tanto variáveis internas quanto variáveis externas ao indivíduo (ALENCAR; FLEITH, 2003).

Alencar e Fleith (2003) descrevem, assim, modelos de criatividade que foram elaborados com base nesta abordagem recente e citam as seguintes propostas teóricas que serviram como base para a atual concepção do conceito de criatividade:

- A Teoria de Investimento em Criatividade de Sternberg (1988, 1991) e Sternberg e Lubart (1991, 1993, 1995, 1996) consideram o comportamento



criativo como resultado da convergência de seis fatores distintos e interrelacionados, apontados como recursos necessários para a expressão criativa, os quais seriam:

- a) inteligência, considerando três habilidades cognitivas: a primeira de ver o problema sob um novo ângulo; a segunda a capacidade analítica de reconhecer entre as ideias aquelas em que valeria a pena investir; e a terceira, a prática-contextual, que seria a capacidade de persuadir outras pessoas sobre o valor das próprias ideias e a importância da confluência destas três habilidades.
- b) estilos intelectuais, denominados legislativo, executivo e judiciário: sendo o primeiro o preferido das pessoas criativas pela tendência a formular problemas e criar novas regras e maneiras de ver as coisas; o segundo estaria presente nas pessoas que gostam de implementar ideias, e o terceiro nas pessoas que tem preferência por emitir julgamentos, avaliar pessoas, tarefas e regras;
- c) conhecimento, pois, para dar uma contribuição significativa a uma determinada área, é de fundamental relevância ter o conhecimento sobre a mesma, seja formal ou informal;
- d) personalidade: alguns traços contribuem mais do que outros para a expressão da criatividade, destacando que pessoas com alta produção criativa apresentam um conjunto de traços, embora em graus diferentes, como: predisposição a correr riscos, confiança em si mesmos, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e um certo grau de autoestima.
- e) motivação, as forças impulsionadoras da performance criativa, especialmente a intrínseca, uma vez que as pessoas estão muito mais propensas a responder criativamente a uma dada tarefa quando estão movidas pelo prazer, assim como a extrínseca, pois ambas estão

frequentemente em interação, combinando-se mutuamente;

f) contexto ambiental, que pode ser facilitador ou não da expressão criativa e interage com variáveis pessoais e situacionais de uma forma complexa, porque tanto a pessoa como seu produto são julgados e avaliados como criativos ou não por pessoas de seu contexto social.

- O Modelo Componencial de Criatividade de Amabile (1983, 1989, 1996) que procura explicar como fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam no processo criativo, a partir de três componentes necessários:

- a) habilidades de domínio, relacionadas ao nível de aptidão em um domínio, tais como: talento, conhecimento, adquirido a partir da educação formal e informal, experiência e habilidades técnicas na área;

- b) processos criativos relevantes, que incluem estilo de trabalho, estilo cognitivo, domínio de estratégias que favorecem a produção de novas ideias e traços de personalidade;

- c) motivação intrínseca, diz respeito à satisfação e envolvimento que o indivíduo tem pela tarefa, independente de reforços externos e engloba interesse, competência e autodeterminação.

- A Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi (1988, 1996) que defende a ideia de que o foco dos estudos em criatividade deve centrar-se nos sistemas sociais e não apenas no indivíduo. Neste sentido, mais importante do que definir criatividade é investigar onde ela se encontra, ou seja, em que medida o ambiente social, cultural e histórico reconhece ou não uma produção criativa. Portanto, criatividade não é resultante do produto individual, mas de sistemas sociais que julgam esse produto. O modelo de sistemas propõe, pois, criatividade como um processo que resulta da intersecção de três fatores: indivíduo (bagagem genética e experiências pessoais), domínio (conjunto de

regras e procedimentos simbólicos estabelecidos culturalmente) e campo (sistema social - inclui todos os indivíduos que atuam como "juízes").

Sternberg (2006) relata sobre sua teoria da propulsão de contribuições criativas que aborda a forma de como as pessoas decidem investir seus recursos criativos. A ideia básica é que a criatividade pode ser classificada em diferentes tipos, dependendo de como se impulse ideias existentes. Ao desenvolver a criatividade, pode-se desenvolver diferentes características da criatividade, que vão desde pequenas inovações (elaboração e modificação de ideias e/ou coisas já existentes) até contribuições verdadeiramente originais.

O autor também ressalta a importância do contexto no julgamento que diferencia entre a descoberta criativa e a redescoberta, ou seja, contribuições criativas são sempre definidas de acordo com o contexto de onde emergem. Se a contribuição criativa de um indivíduo é sempre julgada em um determinado contexto, isso ajuda a compreender como o contexto interage com a forma como as pessoas julgam. E considera como premissa fundamental que a criatividade é, em grande parte, uma decisão que pode ser tomada, mas que poucos realmente o fazem, porque se tem a ideia de que os custos podem ser demasiado elevados e enfatiza que a sociedade pode desempenhar papel fundamental no desenvolvimento da criatividade, aumentando as recompensas e diminuindo os custos (STERNBERG, 2006).

Nesta linha, Sakamoto (2007) propõe o desafio de identificar fatores facilitadores do fenômeno criativo, os quais atribui a expressão de "atmosfera criativa" que depende de três fatores principais, a saber:

a) estado mental característico, no qual existe abertura a novas possibilidades, em oposição ao

estado mental habitual, estruturado diante do conhecido;

b) uma atitude afetiva de envolvimento ou comprometimento que represente disposição emocional em face a uma situação ou experiência, para sustentar a busca na realização de um projeto;

c) conjunto de recursos pessoais práticos que abrange tanto componentes materiais quanto intelectuais.

A autora dá atenção especial para a parcela de influência da afetividade na experiência criadora, já que ela não existe sem motivo ou intenção, devotamento ou dedicação. E destaca que não haverá a criação de novas realidades se não houver o encontro com o outro, com aquilo que distingue os seres humanos, e não se descobre a essência do que une os indivíduos como espécie humana. Criar é resultado da possibilidade de comprometimento afetivo na experiência vivida, seja ela qual for. Os processos cognitivos são determinantes, mas eles só operam se houver um estado de abertura mental que assegure que tudo que é desconhecido possa tomar parte de um novo a ser criado, assim, a criatividade depende muito mais de emoção e oportunidade (SAKAMOTO, 2007).

Ostrower (2012) considera a criatividade um potencial inerente ao ser humano e a realização deste uma necessidade, pois criar e viver se interligam. Assim, a criatividade se elabora no contexto cultural no qual necessidades e valores culturais se moldam aos próprios valores da vida e os processos criativos se realizam na interligação dos níveis individual e cultural da existência humana.

O potencial criativo se expressa basicamente na possibilidade de dar forma a algo novo, abrangendo as capacidades de compreensão, relação, ordenação, configuração e

significação. A motivação humana de criar reside justamente nesta busca por ordenações e significados. O ser humano desenvolve-se como ser consciente, sensível e cultural, sendo os dois primeiros aspectos inatos e determinantes para que se desenvolva o último. Assim, o ato criativo só terá sentido se for intencional, consciente, sendo a sensibilidade a porta de entrada das sensações que liga aos acontecimentos a nossa volta, ou seja, os padrões culturais (OSTROWER, 2012).

DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E SEUS ASPECTOS PSICOLÓGICOS

O desenvolvimento humano é um processo contínuo e dinâmico que envolve a personalidade, por isso, a criatividade está ligada às características psicológicas das etapas evolutivas do ser e, neste sentido pode ser desenvolvida desde que se reforce as funções humanas envolvidas em seu processo e melhore a utilização de recursos individuais, aproveitando potencialidades e dando atenção a atitudes conformistas. Assim, analisando-se traços de personalidades criadoras com suas aptidões, interesses, atitudes e motivações haveria mais oportunidades de se desenvolver a criatividade (NOVAES, 1977).

Por outro lado, Novaes (1977) salienta as possibilidades de haver sérios bloqueios ao desenvolvimento da criatividade devido a fatores como: falta de conhecimento e informação, hábitos pessoais negativos, atitudes de pessimismo, de conformismo, falta de esforço pessoal e busca de julgamentos estereotipados.

Novaes (1977) adota a posição de que a criatividade se beneficia de forças culturais e sociais na medida em que encoraja a abertura do sujeito para a experiência e para a mudança, tendo a criatividade a função de relacionar a transição

entre o indivíduo e o meio, e entre processos inter e intrapessoais. Neste sentido, estudos psicológicos mostram que pessoas amadurecidas psicologicamente evoluem tanto instintiva e impulsivamente quanto racional e logicamente. Assim, técnicas que favoreçam o autoconhecimento podem incrementar a criatividade e apresentar ao indivíduo a compreensão de que o mundo pode ser transformado e possibilitar a luta contra o convencional e o pre-estabelecido.

Em relação às fases do desenvolvimento humano, Torrance (1976) destaca a dificuldade em se identificar características desenvolvimentais da criatividade comuns de acordo com a idade, porém, pensa na possibilidade de se descobrir características comuns em grupos de carreira relativamente homogêneos, especialmente entre aqueles que ofereçam oportunidades para o desenvolvimento continuado da criatividade com estimulação e treinamento.

Avaliação da criatividade

Para Parkrust (1999, apud, Wechsler, 2004b) a avaliação da criatividade é um dos maiores desafios enfrentados pelos pesquisadores na área. Tal fato se deve, em primeiro lugar, à dificuldade de ser encontrado consenso sobre a própria natureza do fenômeno criativo ora definido como um processo cognitivo, outras vezes como característica de personalidade, ou ainda pela qualidade do produto realizado, determinado por sua relevância ou impacto na sociedade.

Torrance (1976), estudioso da criatividade, também concorda que fatores de personalidade são importantes na realização criativa e destaca que estudos empíricos que procuram determinar as características da personalidade de pessoas altamente criativas lançaram mão de instrumentos tradicionais e

inventários de experiência de vida como o IMP de Minnessota, o TAT e o Rorschach, entre outros, para mensurá-la, no entanto, critica esta prática por não achá-la adequada e, como grande pesquisador da área, foca seus estudos na criação de novos instrumentos.

Considerando a dinâmica das funções cognitiva, afetiva e social e seu processo interativo no desenvolvimento de cada indivíduo, a avaliação psicológica deve ser vista também como um processo sujeito aos vários estágios do desenvolvimento do indivíduo, aos padrões e valores culturais e a um contexto histórico (WECHSLER, 1999)

Por ser um fenômeno multidimensional e de natureza complexa a criatividade impõe inúmeros desafios na busca por medidas que possam explicá-la. Por isso, é necessário que se adote a postura de que não existe uma única medida que explique totalmente o fenômeno da criatividade. No entanto, embora com limitações, a utilização de metodologias qualitativas e quantitativas deve ser entendida como complementar na busca de estratégias e instrumentos que possam melhor entendê-la (WECHSLER, 1999; WECHSLER; NAKANO, 2002)

Wechsler (1999) e Wechsler e Nakano (2002) consideram que com a ampliação, no tempo, do conceito da criatividade, buscou-se uma definição consensual e abrangente para a criatividade, passando a ser entendida como o resultado da interação entre processos cognitivos, características da personalidade, variáveis ambientais e elementos inconscientes e, conseqüentemente, novas formas de avaliar as várias dimensões do fenômeno criativo.

Torrance (1976) aponta a necessidade de se encontrar outras características que possam ampliar a avaliação da criatividade verbal em seus estudos, pois embora tenha demonstrado a

validade de construto das quatro dimensões cognitivas da criatividade: fluência, flexibilidade, originalidade, elaboração, ainda mostra-se descontente com a limitação destas medidas, procurando-as ampliar para outros indicadores que estariam também relacionados com a criatividade.

Foi somente nos estudos desenvolvidos por Weschler (2004a, 2004b) em 1985 que se demonstrou a possibilidade de serem adicionadas outras características criativas válidas para se identificar a criatividade em palavras. Esta autora demonstrou que existiam características nas respostas dos sujeitos aos testes de criatividade verbal de Torrance que estariam relacionados com criatividade na vida real, não só para amostras norte-americanas como também brasileiras, em estudo que comparou o desempenho nestes testes por estudantes e profissionais com a quantidade de produções criativas reconhecidas e não reconhecidas no decorrer de suas vidas. Assim, a autora propõe a inclusão de mais quatro dimensões para avaliar a criatividade verbal: fantasia, expressão da emoção, perspectiva incomum e uso de analogias/metáforas.

Considerando-se a necessidade da serem pesquisados e adaptados mais instrumentos para a realidade brasileira, dois estudos foram propostos, tendo o primeiro como objetivo investigar a possibilidade de verificar a criatividade verbal, de maneira válida, na cultura brasileira, por meio do Teste de Pensamento Criativo de Torrance, forma verbal A, e um segundo para analisar se esta medida seria fidedigna. No primeiro, buscou-se verificar se indicadores de criatividade neste teste teriam relação com produtividade criativa na vida real. No outro estudo proposto foi avaliado até que ponto este teste de criatividade poderia ser considerado como sendo preciso ou fidedigno. Confirmando o que já havia sido verificado nos trabalhos de Torrance a



pesquisa demonstrou que é possível avaliar a criatividade verbal de modo válido e preciso na cultura brasileira (WECHSLER, 2004a, 2004b)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incontestável é a importância da criatividade e do fenômeno criativo nas mais diferentes formas de manifestações humanas, no contexto criativo mais geral, como nas artes, nas ciências e nas grandes descobertas, além das áreas de atuação mais comuns, como nas atividades profissionais e de rotina das diferentes atuações no cotidiano. Em sendo a criatividade fator tão importante na vida das pessoas, há necessidade de mais estudos teóricos e empíricos para sua compreensão.

Observou-se, no presente texto, que a definição de criatividade passou por constantes revisões, parte-se de uma habilidade nata e de teor pessoal no passado, para uma capacidade que pode ser aprimorada e desenvolvida por meio de exercícios e reflexões que poderiam ampliar a capacidade criativa nas pessoas. Isso demonstra que vários teóricos debruçaram-se nos seus conceitos para melhor identificar a criatividade e seu processo de desenvolvimento, fato que reforça sua importância.

No tocante à avaliação da criatividade nos indivíduos, tem-se que existem poucos recursos padronizados para essa finalidade, fato que indica a necessidade de mais estudos e desenvolvimento de diferentes estratégias para sua verificação. Entendendo-se como fator de suma importância para a vida diária dos indivíduos na sociedade contemporânea, tanto em termos pessoais como profissionais, poder avaliar a criatividade permite a identificação de relevante construto em diversos contextos de avaliação: clínico, seleção de pessoal, para aprendizagem, entre outros.

O propósito deste texto foi fomentar a reflexão sobre o conceito, desenvolvimento e avaliação da criatividade e do fenômeno criativo, no que tange à sua importância. Nesse sentido, reforça-se a importância do desenvolvimento de estudos de caráter empírico para investigação dessa importante característica humana em diversos contextos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S. **Criatividade**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 1-8, 2003.
- CUNHA, R.M.M. **Criatividade e processos cognitivos**: um estudo teórico. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOLEMAN, D.; KAUFMAN, P.; RAY, M. **O espírito criativo**. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix. 2003.
- JUSTO, J.S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONCELOS, M.S. (Org.). **Criatividade**: psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001. p. 59-78.
- KNELLER, G.F. **Arte e Ciência da Criatividade**. 5. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- NOVAES, M.H. **Psicologia da Criatividade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- OLIVEIRA, M.L. Contribuições da psicanálise para a compreensão da criatividade. In: VASCONCELOS, M.S. (Org.). **Criatividade**: psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001. p. 21-42.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PIAGET, J. (1972). Criatividade. In: VASCONCELOS, M. S. (Org.). **Criatividade**:



psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001. p. 11-20.

SAKAMOTO, C. K. Criatividade: uma visão integradora. **Psicologia: teoria e prática**, v.2, n. 1, p. 50-58, 2000.

SAKAMOTO, C. K. As mil e uma realidades da experiência criadora: uma metáfora do gênio criativo. In: SAKAMOTO, C. K. **Um olhar criativo sobre a prática em psicologia: proposições teóricas e técnicas**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2007, p. 17-27

STERNBERG, R.J. The Nature of Creativity. **Creativity Research Journal**, v. 18, n.1, p. 87-98, 2006. Disponível em: <http://people.uncw.edu/caropresoe/giftedfoundations/SocialEmotional/Creativity-articles/Sternberg_Nature-of-creativity.pdf> Acesso em: 16 ago. 2013.

TORRANCE, E.P. **Criatividade: medidas, testes e avaliações**. São Paulo: Ibrasa, 1976.

WECHSLER, S. M. **Avaliação da criatividade por palavras**. Teste de Torrance. Versão Brasileira. 2 ed. Campinas: IDB, 2004a.

WECHSLER, S. M. Avaliação da criatividade verbal no contexto brasileiro. **Avaliação Psicológica**, v. 3, n. 1, p. 21-31, 2004b.

WECHSLER, S.M. Avaliação da criatividade: um enfoque multidimensional. In: WECHSLER, S.M.; GUZZO, R.S.L. (Orgs.). **Avaliação psicológica: perspectiva internacional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 231-259.

WECHSLER, S.M.; NAKANO, T.C. Caminhos para a avaliação da criatividade: perspectiva brasileira. In: PRIMI, R. (Org.). **Temas em avaliação psicológica**. Campinas: IBAP, 2002. p. 103-115.